



## A pena de morte é sempre inadmissível



Marc Chagall, «Cruzificação branca» (1938)

PÁGINAS 6 E 7

No Angelus Francisco recorda Montini

### O Papa da modernidade

O aplauso da praça de São Pedro para Paulo VI, o «grande Papa da modernidade». Responderam com convicção os vinte mil fiéis presentes no Angelus de 5 de agosto, vigília do quadragésimo aniversário da morte do Pontífice de Bréscia, quando o Papa Francisco recordou «com tanta veneração e gratidão» o seu predecessor, pedindo um aplauso para ele. «Na expectativa da sua canonização, a 14 de outubro próximo» – foi a invocação do Papa – Montini «do céu interceda pela Igreja, que tanto amou, e pela paz no mundo». Um testemunho de afeto renovado na manhã do dia seguinte, na festa da Transfiguração do Senhor, com a visita ao túmulo de Paulo VI nas Grutas do Vaticano.

Antes da recitação da oração mariana, como de costume Francisco comentou o evangelho do dia, tirado de João 6, 24-35. Nestas últimas semanas, explicou, «a liturgia mostrou-nos Jesus que vai ao encontro das multidões e das suas necessidades». Mas «na narração hodierna a

perspetiva muda: é a multidão, saciada por Jesus, que se põe novamente a procura dele». Mas isto «para Jesus não é suficiente»; de facto, ele «deseja que a sua busca e o encontro com ele vão além da satisfação imediata das necessidades materiais». Cristo «veio abrir a nossa existência a um horizonte mais amplo em relação às preocupações diárias de se nutrir, de se vestir, da carreira». E fazendo assim – concluiu o Pontífice – «o Senhor convida-nos a não esquecer que, se é necessário preocupar-nos pelo pão, é ainda mais importante cultivar a relação com ele, que é o «pão da vida»».

PÁGINA 5

### Falecimento de Paulo VI

GIOVANNI MARIA VIAN

Naquele domingo nada deixava prever o que teria acontecido à noite em Castel Gandolfo. Só um comunicado tinha advertido que Paulo VI, devido ao agravamento da artrose da qual sofria há anos,



Paulo VI, obra de Dina Bellotti (1912-2003)

não teria podido participar no encontro com os fiéis para o Angelus. Na realidade, o Papa nem sequer tinha conseguido escrever as palavras introdutórias da oração mariana, como fizera pessoalmente por quinze anos todas as terças-feiras para a audiência geral do dia seguinte e na véspera do encontro dominical.

No início do pontificado, questionara-se se era o caso de manter a tradição iniciada por Pacelli. «Foi recitado o Angelus da janela. Não tive a coragem de assomar ao terceiro andar, onde apareciam os Papas Pio e João; talvez teria renunciado a este diálogo singular com a Praça de São Pedro; mas estava apinhada de gente, aliás, de fiéis, que esperavam: espetáculo imenso e comovedor» apontara Montini. Para aquele dia, festa da Transfiguração, o Pontífice tinha, contudo, dado indicações a fim de que se preparasse um breve discurso, que foi de facto divulgado.

Paulo VI sentia que se aproximava o fim da sua vida terrena, e

CONTINUA NA PÁGINA 4

## Desemprego e suicídios no centro das preocupações do Papa

# Restituir dignidade aos jovens

*Publicamos em seguida o discurso dirigido pelo Papa Francisco aos participantes no encontro European Jesuits in formation, recebidos antes da audiência geral, na manhã de quarta-feira 1 de agosto, no ambiente adjacente à sala Paulo VI.*

Bom dia! Estou feliz por vos receber. Muito obrigado por esta visita, faz-me bem. Quando eu era estudante, quando devíamos ir ter com o Geral e quando com o Geral devíamos ir visitar o Papa, usávamos a batina e o manto. Vejo que esta moda deixou de existir, graças a Deus!

O sacerdote fez-me rir, quando falou em unificar a pastoral dos Jesuítas. Eu tinha entendido que se tratava de unificar as almas e os corações dos Jesuítas, não as modalidades, pois se fizermos isto, acabaremos com a Companhia de Jesus. Dizia-se que o primeiro papel do Geral era “apascentar os Jesuítas”, e outra pessoa respondia: “Sim, mas é como apascentar um rebanho de sapos”: um aqui, outro ali... Mas isto é bonito, porque é necessária uma grande liberdade; sem liberdade não se pode ser Jesuíta. E uma grande obediência ao pastor, que deve ter o imenso dom do discernimento para permitir que cada “sapo” escolha aquilo que sente que o Senhor lhe pede. Esta é a originalidade da Companhia: unidade com grande diversidade.

Durante a XXXII Congregação geral, o Beato Paulo VI disse-nos que onde existem encruzilhadas de ideias, de problemas, de desafios, ali há um Jesuíta. Lede aquele discurso: a meu ver, é o discurso mais bonito que um Papa tenha dirigido à Companhia. Era um momento difícil para a Companhia, e o Beato Paulo VI começa o discurso assim: “Por que duvidais? Um momento de dúvida? Não! Coragem!”. E gostaria de o ligar a outro discurso, não de um Papa mas de um Geral, de Pedro Arrupe: foi o seu “canto do cisne”, num campo de refugiados na Tailândia, não sei se foi em Bangkok ou a sul de Bangkok. Ele proferiu aquele discurso junto do avião, e chegou a Fiumicino com um acidente vascular cerebral. Foi a sua última pregação, o seu testamento. Nestes dois discursos encontra-se a moldura daquilo que a Companhia deve fazer hoje: coragem, ir às periferias, às encruzilhadas das ideias, dos problemas, da missão... Ali está o testamento de Arrupe, o “canto do cisne”, a oração. É preciso ter coragem para ser Jesuíta. Não quer dizer que um Jesuíta deve ser inconsciente, ou temerário, não! Mas é preciso ter coragem. A coragem é uma graça de Deus, aquela *parrésia* paulina... E são necessários joelhos fortes para a oração. Acho que com estes dois discursos vós tereis a inspiração para ir onde o Espírito vos indicar ao coração.

Depois, fala-se de comunicação, que é um dos vossos temas. Gosto muito do método comunicativo de São Pedro Fabro: sim, Fabro comunicava e deixava que os outros comunicassem. Lede o memorial: é um monumento à comunicação, quer interior com o Senhor, quer externa com as pessoas.

Obrigado por aquilo que fazeis! Ide em frente, às encruzilhadas, sem medo. Mas permaneci ancorados no Senhor.



São Pedro Fabro

Não vos esqueçais de rezar por mim! Este trabalho [do Papa] não é fácil... Talvez isto possa parecer uma heresia, mas geralmente é divertido. Obrigado!

Ainda dispomos de alguns minutos: se alguém quiser fazer alguma pergunta, ou reflexão, aproveitemos estes minutos. Assim eu aprendo das vossas heresias...

*Agradecendo-lhe as suas expressões, um dos participantes no encontro dirigiu-se ao Pontífice da seguinte forma: «O tema dos nossos encontros é a comunicação, os jovens. Certa vez alguém disse-me que ser religioso ou sacerdote significa que o desemprego é algo que nunca teremos de enfrentar. Mas muitos jovens, até com uma preparação elevada, correm o risco de desemprego. Acho que isto é um desafio para mim, ou exato, ver a situação do seu ponto de vista, porque sei que a Companhia de Jesus e a Igreja terão sempre uma tarefa para mim, nalgum lugar. A meu ver, trata-se de um grande desafio para a comunicação: é uma experiência de desemprego, que nunca terei que enfrentar. É algo que julgo difícil». A seguir, a resposta do Santo Padre.*

Talvez este seja um dos problemas mais graves e dolorosos para os jovens, porque vai diretamente ao coração da pessoa que não tem um trabalho sente-se sem dignidade. Recordo que certa vez, na minha terra, uma senhora veio ter comigo para me dizer que a sua filha, estudante universitária, falava várias línguas, mas não encontrava trabalho. Pedi ajuda a alguns leigos e encontraram-lhe um emprego. Aquela mulher escreveu-me um bilhete com estas palavras: “Obrigado, Padre, porque o senhor ajudou a minha filha a reencontrar a dignidade”. Não ter trabalho tira a dignidade. E mais

ainda: não é o facto de não poder comer, porque pode ir à Cáritas e dão-lhe uma refeição. O problema é não poder trazer o pão para casa: tira a dignidade. Quando vejo – vós vedes – tantos jovens desempregados, deveríamos perguntar-nos porquê. Certamente encontrareis a razão: há uma reorganização da economia mundial devido ao qual a economia, que é concreta, deixa o lugar às finanças, que são abstratas. No centro estão as finanças, e elas são cruéis: não são concretas, mas abstratas. E ali lida-se com um imaginário coletivo que não é concreto, mas líquido ou gasoso. E no cerne está isto: o mundo das finanças. No seu lugar deveriam estar o homem e a mulher. Acho que hoje este é o grande pecado contra a dignidade da pessoa: tirá-la do seu lugar central. Falando no ano passado com uma diretora do Fundo Monetário Internacional, ela disse-me que tivera o desejo de manter um diálogo entre a economia, o humanismo e a espiritualidade. E contou-me: “Consegui fazê-lo. Depois entusiasmei-me e quis manter o mesmo diálogo entre as finanças, o humanismo e a espiritualidade. E não consegui, porque a economia, inclusive a de mercado, se pode abrir à economia social de mercado, como João Paulo II tinha pedido; ao contrário, as finanças não são capazes, visto que não se pode aferrar as finanças: são ‘gasosas’”. As finanças assemblam-se, a nível mundial, à corrente de Santo António! Assim, com este deslocamento da pessoa do centro e com a colocação no centro de algo como as finanças, tão “gasosas”, geram-se vazios no trabalho.

Eu quis dizer isto de modo geral, porque ali se encontram as raízes do problema da falta de emprego, levantado pela tua pergunta: “Como posso entender, comunicar e acompanhar um jovem que está nesta situação de desemprego?”. Irmãos, é preciso ter criatividade! Em qualquer situação. Uma criatividade corajosa, para procurar o modo de ir ao encontro de tal situação. Mas a pergunta que me dirigiste não é superficial. O número de suicídios juvenis está a aumentar, mas os governos – nem todos – não publicam o número exato: publicam até certo ponto, porque é escandaloso. E por que se enforcam, se suicidam estes jovens? O principal motivo de quase todos os casos é a falta de emprego. Não conseguem sentir-se úteis e acabam... Outros jovens não têm a coragem de enfrentar o suicídio, mas procuram uma alienação intermediária nas dependências, e hoje a dependência é uma fuga desta falta de dignidade. Pensai – pensemos – que por detrás de cada dose de cocaína há uma grande indústria mundial que torna isto possível, e provavelmente – não tenho certeza – o maior movimento de dinheiro do mundo. Outros jovens veem no smartphone coisas interessantes como projeto de vida: pelo menos oferecem um trabalho... Isto é real, acontece! “Ah, apanho o avião e vou alistar-me no Ei: pelo menos terei no bolso mil dólares por mês e algo para fazer!”. Suicídios, dependências e saída rumo

CONTINUA NA PÁGINA 3

«Sucesso, poder e dinheiro»: são estes «os grandes ídolos, as tentações de sempre», contra as quais o Papa alertou na audiência geral de quarta-feira 8 de agosto, na sala Paulo VI. Prossequindo as catequeses sobre o Decálogo, o Pontífice voltou a aprofundar o tema da idolatria enfrentado no primeiro mandamento, refletindo em especial sobre o «ídolo por excelência, o bezerro de ouro».

## AUDIÊNCIA

Francisco alertou contra as tentações do sucesso, poder e dinheiro

# O engano cintilante dos ídolos

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje continuemos a meditar sobre o Decálogo, aprofundando o tema da idolatria, acerca da qual falamos na semana passada. Agora retomemos o tema, porque é muito importante conhecê-lo. E inspiremo-nos precisamente no ídolo por excelência, o bezerro de ouro, do qual fala o Livro do Êxodo (32, 1-8), acabamos de ouvir um trecho dele. Este episódio tem um contexto específico: o deserto, onde o povo está à espera de Moisés, que subiu ao monte para receber as instruções de Deus.

O que é o deserto? É um lugar onde reinam a precariedade e a insegurança – no deserto não há nada – onde faltam água, alimento, abrigo. O deserto é uma imagem da vida humana, cuja condição é incerta e não possui garantias invioláveis. Esta insegurança gera no homem ansiedades primárias, que Jesus menciona no Evangelho: «Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos?» (Mt 6, 31). São as ansiedades primárias. E o deserto provoca tais ansiedades.

E naquele deserto acontece algo que desencadeia a idolatria. «Moisés tardava a descer da montanha» (Êx 32, 1). Permaneceu ali quarenta dias e o povo perdeu a paciência. Falta o ponto de referência que era Moisés: o líder, o chefe, o guia tranquiliza-

dor, e isto torna-se insustentável. Então, o povo pede um deus visível – esta é a armadilha na qual o povo cai – para poder identificar-se e orientar-se. E dizem a Araão: «Faz-nos um deus que marche à nossa frente!», «Faz-nos um chefe, um líder!». Para evitar a precariedade – a precariedade é o deserto – a natureza humana procura uma religião “descartável”: se Deus não se deixa ver, fazemos para nós um deus sob medida. «Diante do ídolo, não corremos o risco de uma possível chamada que nos faça sair das próprias seguranças, porque os ídolos “têm boca, mas não falam” (Sl 115, 5). Compreendemos assim que o ídolo é um pretexto para se colocar a si mesmo no centro da realidade, na adoração da obra das próprias mãos» (Enc. *Lumen fidei*, 13).

Araão não sabe opor-se ao pedido do povo e cria um bezerro de ouro. No próximo Oriente antigo o bezerro tinha um sentido duplo: por um lado, representava fecundidade e abundância e por outro, energia e força. Mas antes de tudo é de ouro, por isso é símbolo de riqueza, sucesso, poder e dinheiro. São estes os grandes ídolos: sucesso, poder e dinheiro. São as tentações de sempre! Eis o que é o bezerro de ouro: o símbolo de todos os desejos que dão a ilusão da liberdade e, ao contrário, escravizam, porque o ídolo escraviza sempre. Há o fascínio, e tu deixas-te levar. Aquele fascínio da serpente, que fita o passarinho, o passarinho não consegue mover-se e a serpente apanha-o. Araão não soube opor-se.

Mas tudo nasce da incapacidade de confiar sobretudo em Deus, de voltar a colocar as nossas seguranças n'Ele, de deixar que Ele confira verdadeira profundidade aos desejos do nosso coração. Isto permite sustentar até a debilidade, a incerteza e a precariedade. A referência a Deus fortalece-nos na debilidade, na incerteza e até na precariedade. Sem primado de Deus caímos facilmente na idolatria e contentamo-nos com garantias míseras. Mas esta é uma tentação que nós lemos sempre na Bíblia. E pensei bem nisto: para Deus, não foi muito difícil libertar o povo do Egito; fê-lo com sinais de poder, de amor. Mas a grande obra de Deus foi tirar o Egito do coração do povo, ou seja, tirar a idolatria do coração do povo. E Deus ainda continua a agir para a tirar dos nossos corações. Esta é a grande obra de Deus: tirar “aquele Egito” que nós temos dentro, que é o fascínio da idolatria.

Quando se acolhe o Deus de Jesus Cristo, que de rico se fez pobre por nós (cf. 2 Cor 8, 9), descobre-se então que reconhecer a própria fraqueza não é a desgraça da vida humana, mas a condição para se abrir Àquele que é verdadeiramente forte. Assim, a salvação de Deus entra pela porta da debilidade (cf. 2 Cor 12, 10); é em virtude da própria insuficiência que o homem se abre à paternidade de Deus. A liberdade do homem nasce do deixar que o verdadeiro Deus seja o único Senhor. É isto que permite aceitar a própria fragilidade e rejeitar os ídolos do nosso coração.

Nós, cristãos, dirigimos o olhar para *Cristo Crucificado* (cf. Jo 19, 37), que é frágil, desprezado e despojado de qualquer posse. Mas é n'Ele que se revela o rosto do Deus verdadeiro, a glória do amor, e não a do engano cintilante. Isaías diz: «Fomos curados graças às suas chagas» (53, 5). Fomos salvados precisamente pela fraqueza de um homem que era Deus, pelas suas feridas. E a partir das nossas debilidades podemos abrir-nos à salvação de Deus. A nossa cura vem d'Aquele que se fez pobre, que aceitou a falência, que assumiu até ao fundo a nossa precariedade para a encher de amor e de força. Ele vem para nos revelar a paternidade de Deus; em Cristo a nossa fragilidade já



não é uma maldição, mas um lugar de encontro com o Pai e nascente de uma nova força do alto.

*O Papa invocou Santa Teresa Benedita da Cruz, no século Edith Stein, a fim de que «do céu ampare a Europa». Recordando a sua festa litúrgica, que se celebra a 9 de agosto, Francisco indicou aos fiéis presentes na audiência o exemplo da padroeira do velho continente, «mártir do seu povo judeu e cristão».*

Queridos peregrinos de língua portuguesa: uma saudação cordial a todos, particularmente aos grupos vindos de Portugal e do Brasil. Faço votos de que esta peregrinação a Roma vos confirme no propósito de seguir o Senhor com coragem, levando a todos o testemunho luminoso do seu amor. Deus vos abençoe!

Dirijo um pensamento particular aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados. Hoje celebra-se a memória litúrgica de São Domingos de Gusmão, fundador da Ordem dos Pregadores. O seu exemplo de fiel servidor de Cristo e da sua Igreja seja encorajamento e estímulo para todos nós. Especiais felicitações a quem tem este nome. E amanhã, na Europa, celebra-se a festa de Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein). Mártir, mulher de coerência, mulher que procura Deus com honestidade e amor, mártir do seu povo judeu e cristão. Que do céu ela, Padroeira da Europa, interceda e ampare a Europa. Deus abençoe todos vós!

## Preocupações do Papa

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

à guerrilha são as três opções que os jovens têm hoje, quando não há emprego. Isto é importante: compreender o problema dos jovens; fazer [esse jovem] sinta que o entendo, e isto significa comunicar-se com ele. E depois mover-se para resolver esta questão. O problema tem solução, mas é preciso encontrar o modo, é necessária a palavra profética, é preciso ter inventividade humana, é necessário fazer muitas coisas. Sujar as mãos... A minha resposta à tua pergunta é um pouco longa, mas são todos elementos para poder tomar uma decisão na comunicação com um jovem que não tem trabalho. Fizeste bem em falar disto, porque se trata de um problema de dignidade.

E o que acontece quando um Jesuíta não tem trabalho? Neste caso existe um grande problema! Fala depressa com o padre espiritual, com o superior, faz um bom discernimento sobre o porquê...

Obrigado! Já não te dou trabalho [dirigindo-se ao tradutor].

Amanhã é a festa de São Pedro Fabro: rezai a ele, a fim de que nos conceda a graça de aprender a comunicar.

Oremos a Nossa Senhora: Ave Maria...

[Bênção]

E, por favor, não vos esqueçais daqueles dois discursos: o do Beato Paulo VI, em 1974, durante a XXXII Congregação geral; e o de padre Arrupe, na Tailândia, o seu canto do cisne, o seu testamento.

## Montini quarenta anos após a morte

## Em Frattocchie

A evocação dos últimos dias de Paulo VI abriu-se com o comentário do bispo de Albano sobre o discurso que o Pontífice improvisou na tarde de 1 de agosto em Frattocchie, na paróquia de São José, que o Papa desejou visitar para prestar homenagem ao cardeal Giuseppe Pizzardo, diante do seu túmulo.



Ernst Günter Hansing  
«Paulo VI em oração» (1969)

## O Santo Padre tem febre alta!

MARCELLO SEMERARO

Não relaterei o que aconteceu naquele final de tarde de verão a 1 de agosto de 1978 em Frattocchie. Há a crônica, pormenorizada e ilustrada com duas fotos, nas primeiras duas páginas de L'Osservatore Romano de quinta-feira 3 de agosto. Atenta mais ao significado do acontecimento que à crônica, é a recordação de monsenhor Pasquale Macchi, que foi secretário particular de Montini desde novembro de 1954 até à morte do Papa. A narração, apresentada na *Positio* para a causa de beatificação e canonização (III/1, p. 286) é a seguinte: «A visita ao túmulo do Cardeal Pizzardo teve lugar na tarde de 1 de agosto. Quando o Papa, recebido pela população, começou a falar, todos puderam notar que a sua voz era trémula. Também para mim e para o médico, que estava presente, foi uma verdadeira surpresa. No final da visita pedi ao médico, Dr. Fontana, que viesse imediatamente ao Palácio apostólico de Castel Gandolfo a fim de averiguar a origem daquele mal-estar. O médico veio e constatou que o Papa tinha febre».

No livro *Paulo VI nella sua parola* (Brécia, Morcelliana, 2001, segunda edição em 2014), o próprio Macchi, que entretanto em 1988 fora eleito arcebispo prelado de Loreto, acrescentou o seguinte comentário: «Parece-me oportuno frisar este gesto de Paulo VI, até porque o Cardeal Pizzardo o tinha obstaculizado alguns momentos da sua vida; o Papa desejava fazer prevalecer no seu espírito só pensamentos de gratidão, afeto e veneração» (p. 351). Só acrescentarei um pormenor, que me contou pessoalmente o comendador Franco Ghezzi, que foi ajudante de câmara de Paulo VI por todo o pontificado: servirá para compreender melhor o sentido de apreensão de quantos estavam próximos do Papa durante o discurso e também a razão de algumas desarmonias e imprecisões no pronunciamento.

Portanto, Ghezzi referiu-me — e muitas vezes contou-me, juntamente com outras memórias pessoais, o que aconteceu no final da tarde daquele dia — que o doutor Mario Fontana, dado que já estava a caminho de Roma, no final daquele rito preparava-se para voltar para casa. Então, aproximando-se do Papa para se despedir,

no gesto de lhe beijar a mão deu-se conta imediatamente de que a sua pele ardia e comunicou a impressão que teve a monsenhor Macchi: «O Papa tem febre alta!», exclamou. Por conseguinte, também ele voltou a Castel Gandolfo para os cuidados deste caso.

O discurso que Paulo VI pronunciou naquela tarde não deve ser lido mas ouvido! O Papa tinha febre. E eis que, ao discorrer, às vezes se interrompia porque a memória começava a falhar, se confundia e errava até os nomes de Pio XI e Pio XII depois de ter evocado Bento XV. Não obstante a febre aumentasse, Montini prolongava-se nas recordações, que guardava na memória e o predispunham à gratidão. Depois, ao saudar as autoridades presentes não se esqueceu de frisar as bênçãos do Senhor «devidas àqueles que usam misericórdia diante d'Ele».

Como tinha relevado o médico, o Papa ardia de febre, mas não perdia a lucidez indo com o pensamento à morte, «que para nós não deve estar longe». Para a festa da Assunção do ano anterior tinha inaugurado com uma missa a capela dedicada à Virgem, a qual desejou pessoalmente que fosse construída à margem do lago de Albano, e no final da homilia dissera novamente: «Quem sabe, idoso como já sou, se ainda terei a satisfação de celebrar convosco esta festa. Vejo aproximarem-se os limiares do além e, por isso, aproveito a ocasião deste encontro felicíssimo para vos saudar a todos».

Naquela tarde em Frattocchie a voz de Paulo VI estava cansada e incerta, mas nem sempre. Aliás, quem ouvir o discurso nota que alguns momentos é segura e vibrante. Canta até com voz firme as palavras da bênção apostólica. E pelo menos duas vezes revigora-se no sorriso.

A primeira vez, quando recordou a sua breve missão na Polónia, de 6 de junho a 10 de outubro de 1923: «enviou-nos» disse, com aquele sentido de humor que não lhe era alheio e que geralmente acompanha a alegria cristã, como Francisco sublinha na *Gaudete et exsultate* (cf. nn. 122-128). Paulo VI é o Papa da *Gaudete in Do-*

mino e, mesmo com febre alta, não abandonou o sorriso. Quem esteve ao seu lado, e por muito tempo, contou-me sobre a hilaridade de que Montini era capaz, especialmente nos momentos de intimidade familiar e no calor da amizade, como com o padre Giulio Bevilacqua.

E o segundo momento em que o Papa não só sorriu, mas abriu-se a uma alegria profunda, foi quando doou à paróquia «um círio, que é símbolo da luz e da esperança cristã». No seu *Pensiero alla morte* Paulo VI escreveu: «Então: gostaria de, terminando, entrar na luz». E uma célebre foto de 1964 retratou-o, durante a vigília pascal, com o rosto absorto e sorridente enquanto acendia o círio.

A canonização, que no consistório de 19 de maio passado o Papa decretou para o próximo dia 14 de outubro, conforta-nos porque Montini está na luz. Mencionou-a na meditação para o Angelus de 6 de agosto de 1978, que ele não pôde pronunciar. Com a certeza de que «aquele corpo, que se transfigura diante dos olhos atônitos dos apóstolos, é o corpo de Cristo nosso irmão, mas é também o nosso corpo chamado à glória; aquela luz que o inunda é e será também a nossa parte de herança e de esplendor».

## Falecimento de Paulo VI

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

sobre a morte tinha meditado prolongadamente, desde os anos da juventude. Mas a consciência da sua inexorabilidade «não tem qualquer utilidade se esta persuasão não estiver presente e não for sentida no espírito», escrevera antes de completar quarenta anos depois de uma longa enfermidade, porque «é uma exortação à vigilância e à expectativa que predis põe a alma a toda a bondade e piedade da qual é capaz». As alusões à sua morte, que sentia já próxima, tinham-se também multiplicado sobretudo no último ano, quando «o decurso natural da nossa vida chega ao seu ocaso» tinha dito quarenta dias antes, na festa dos Santos Pedro e Paulo, delineando no décimo quinto aniversário um balanço do pontificado.

Exausto pela febre, o Pontífice tinha todavia conseguido trabalhar a semana inteira. Na terça-feira, celebrara em Frattocchie, aquando da última saída de Castel Gandolfo, no dia seguinte tinha presidido à audiência geral, na quinta-feira tinha recebido o presidente italiano Sandro Pertini, acabado de ser eleito ao Quirinal, e trabalhado até tarde, como costumava fazer, também na noite de sexta-feira. Mas na manhã de domingo não conseguiu celebrar e o secretário disse-lhe que o teria feito no seu lugar na parte da tarde.

Durante a missa «tive a sensação de que aquela Comunhão fosse o seu Viático» escrevera Pasquale Macchi na sua concisa e impressionante narração das últimas horas de Paulo VI. «Depressa, depressa» respondeu o Papa à proposta de receber a unção dos enfermos. «No final fez um gesto com a mão, sem falar, manifestando assim a saudação, a gratidão, a despedida». Três horas mais tarde Montini falecia. Sob a canícula sufocante daquele verão concluía-se assim, repentinamente, um pontificado crucial para o catolicismo contemporâneo, graças ao testemunho pessoal de um homem que, como bispo de Milão, ao pregar no primeiro dia do ano tinha dito: «Tornemo-nos verdadeiramente cristãos e imbuamos o tempo que passa de um valor eterno; encontraremos tudo isto no dia final ao anoitecer da nossa vida».



*O caminho dos discípulos em direção ao Monte Tabor nos convida a separar-nos das coisas mundanas para contemplar Jesus*

(@Pontifex\_pt)

ANGELUS

Francisco recordou o seu predecessor

## Grande Papa da modernidade

*Um aplauso para Paulo VI, «grande Papa da modernidade», foi pedido por Francisco aos fiéis presentes na praça de São Pedro, no final do Angelus de 5 de agosto, vigília do 40º aniversário da morte do Pontífice de Bréscia. Antes da recitação da prece mariana, como de costume, o Papa comentou o Evangelho dominical, referindo-se também à festa da dedicação da basílica de Santa Maria Maior.*

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Nestes últimos domingos, a liturgia mostrou-nos a imagem cheia de ternura de Jesus que vai ao encontro das multidões e das suas necessidades. Na narração evangélica de hoje (cf. *Jó* 6, 24-35), a perspetiva muda: é a multidão, saciada por Jesus, que se põe novamente em busca d'Ele, vai ao encontro de Jesus. Mas para Jesus não é suficiente que as pessoas o procurem, Ele quer que elas o conheçam; quer que a busca d'Ele e o encontro com Ele vão além da satisfação imediata das necessidades materiais. Jesus veio para nos trazer algo mais, para abrir a nossa existência a um horizonte mais vasto em relação às preocupações quotidianas do alimentar-se, do vestir-se, da carreira, e assim por diante. Por isso, dirigindo-se à multidão, exclama: «Buscais-me, não porque vistes os milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes fartos» (v. 26). Assim estimula as pessoas a dar um passo em frente, a interrogar-se sobre o significado do milagre, e não apenas a aproveitar-se dele. Com efeito, a multiplicação dos pães e dos peixes é sinal do grande dom que o Pai concedeu à humanidade e que é o próprio Jesus!



Os ouvintes de Jesus pensam que Ele lhes pede a observância dos preceitos para obter outros milagres, como o da multiplicação dos pães. Trata-se de uma tentação comum de reduzir a religião unicamente à prática das leis, projetando na nossa relação com Deus a imagem do relacionamento entre os servos e o seu senhor: para obter a sua benevolência, os servos devem cumprir as tarefas que o patrão atribuiu. Todos nós sabe-

### Em oração diante do túmulo

Na manhã de 6 de agosto festa da Transfiguração do Senhor e quadragésimo aniversário do falecimento de Paulo VI o Papa Francisco desceu às Grutas do Vaticano para se recolher em oração diante do túmulo do seu predecessor

que têm o perfume do Evangelho, para o bem e as necessidades dos irmãos.

O Senhor convida-nos a não esquecer que, se é necessário preocupar-nos pelo pão, é ainda mais importante cultivar a relação com Ele, fortalecer a nossa fé n'Ele que é o «pão da vida», que veio para saciar a nossa fome de verdade, a nossa fome de justiça, a nossa fome de amor. No dia em que recordamos a dedicação da Basílica de Santa Maria Maior em Roma, a Virgem Maria, a *Salus populi romani*, nos ampare no nosso caminho de fé e nos ajude a abandonar-nos com alegria ao desígnio de Deus sobre a nossa vida.

*No final do Angelus, o Pontífice recordou a figura do Papa Montini, em vista da sua canonização que terá lugar a 14 de outubro próximo, e saudou os vários grupos de peregrinos presentes na praça.*

Caros irmãos e irmãs!

Há quarenta anos o Beato Papa Paulo VI via as suas últimas horas nesta terra. Com efeito, faleceu na noite de 6 de agosto de 1978. Recordemo-lo com muita veneração e gratidão, à espera da sua canonização, no dia 14 de outubro próximo. Do Céu interceda pela Igreja, que ele tanto amou, e pela paz no mundo. Saudemos todos com um aplauso este grande Papa da modernidade!

Saúdo com afeto todos vós, romanos e peregrinos de vários países: famílias, grupos paroquiais, associações e fiéis individualmente.

Desejo bom domingo a todos vós. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado e bom almoço!



Ele, verdadeiro «pão da vida» (v. 35), deseja saciar não só os corpos, mas também as almas, oferecendo o alimento espiritual que pode satisfazer a fome profunda. Por isso, convida a multidão a procurar não o alimento que perece, mas aquele que permanece para a vida eterna (cf. v. 27). Trata-se de um alimento que Jesus nos concede todos os dias: a sua Palavra, o seu Corpo, o seu Sangue. A multidão ouve o convite do Senhor, mas não compreende o seu sentido — como acontece muitas vezes também conosco — e pergunta-lhe: «Que devemos fazer para praticar as obras de Deus?» (v. 28).

mos isto. Por esta razão, a multidão quer saber de Jesus quais são as ações que deve realizar para agradar a Deus. Mas Jesus dá uma resposta inesperada: «A obra de Deus é esta: que creiais naquele que Ele enviou» (v. 29). Hoje, estas palavras são dirigidas também a nós: a obra de Deus não consiste tanto em «fazer» coisas, mas em «acreditar» n'Aquele que Ele enviou. Isto significa que a fé em Jesus nos permite cumprir as obras de Deus. Se nos deixarmos arrebatados por esta relação de amor e de confiança com Jesus, seremos capazes de realizar boas obras

## Sobre a pena de morte

Muda o n. 2267 do Catecismo da Igreja católica

O Sumo Pontífice Francisco, na audiência concedida no dia 11 de maio de 2018 ao signatário prefeito da Congregação para a doutrina da fé, aprovou esta nova redação do número 2267 do Catecismo da Igreja Católica, dispondo que seja traduzida nas várias línguas e inserida em todas as edições do mencionado Catecismo.

Rescriptum ex audientia SS.mi

Pena de morte

2267. Por muito tempo, o recurso à pena de morte por parte da autoridade legítima, depois de um processo regular, foi considerada uma resposta adequada à gravidade de alguns crimes e um meio aceitável, embora extremo, para a tutela do bem comum.

Hoje é cada vez mais viva a consciência de que a dignidade da pessoa não se perde nem sequer depois de ter cometido crimes gravíssimos. Além disso, difundiu-se uma nova compreensão do sentido das sanções penais por parte do Estado. Por fim, foram aperfeiçoados sistemas de detenção mais eficazes, que garantem a devida defesa dos cidadãos mas, ao mesmo tempo, não privam o réu, de modo definitivo, da possibilidade de se redimir.

Portanto a Igreja ensina, à luz do Evangelho, que «a pena de morte é inadmissível, porque atenta contra a inviolabilidade e dignidade da pessoa»<sup>1</sup> e compromete-se com determinação pela sua abolição no mundo inteiro.

O presente Rescrito será promulgado através da publicação em *L'Osservatore Romano*, entrando em vigor no mesmo dia, e depois publicado na *Acta Apostolicae Sedis*.

LUIS F. CARD. LADARIA, S.I.  
Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé

Vaticano, 1 de agosto de 2018  
Memória de Santo Afonso Maria de Ligório.

<sup>1</sup> FRANCISCO, Discurso aos participantes no encontro promovido pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização (11 de outubro de 2017); *L'Osservatore Romano* (13 de outubro de 2017), 5.

## Suprimir a vida é sempre inadmissível

Carta da Congregação para a doutrina da fé

Congregação  
para a doutrina da fé

Carta aos bispos a respeito da nova redação do n. 2267 do Catecismo da Igreja Católica sobre a pena de morte

1. O Santo Padre Francisco, no Discurso por ocasião do vigésimo quinto aniversário da publicação da Constituição Apostólica *Fideli depositum*, com a qual João Paulo II promulgou o *Catecismo da Igreja Católica*, pediu que fosse reformulado o ensinamento sobre a pena de morte, a fim de reunir melhor o desenvolvimento da doutrina sobre este ponto nos últimos tempos.<sup>1</sup> Este desenvolvimento apoia-se na consciência cada vez mais clara na Igreja do respeito devido a toda vida humana. Nesta linha, João Paulo II afirmou: «Nem sequer o homicida perde a sua dignidade pessoal e o próprio Deus Se constitui seu garantente».<sup>2</sup>

2. É nesta perspectiva que se deve compreender a postura em relação a pena de morte, afirmada largamente no ensinamento dos pastores e na

sensibilidade do povo de Deus. Se, de fato, a situação política e social do passado tornava a pena de morte um instrumento aceitável para a proteção do bem comum, hoje a consciência cada vez maior de que a dignidade de uma pessoa não se perde nem mesmo depois de ter cometido crimes gravíssimos, a compreensão aprofundada do sentido das sanções penais aplicadas pelo Estado e o desenvolvimento dos sistemas de detenção mais eficazes que garantem a indispensável defesa dos cidadãos, contribuíram para uma nova compreensão que reconhece a sua inadmissibilidade e, portanto, apela à sua abolição.<sup>3</sup>

3. Neste desenvolvimento, o ensinamento da Carta encíclica *Evangelium vitae* de João Paulo II é de grande importância. O Santo Padre incluiu entre os sinais de esperança de uma nova civilização da vida «a aversão cada vez mais difusa na opinião pública à pena de morte, mesmo vista só como instrumento de "legítima defesa" social, tendo em consideração as possibilidades que uma sociedade moderna dispõe para reprimir eficaz-

mente o crime, de forma que, enquanto torna inofensivo aquele que o cometeu, não lhe tira definitivamente a possibilidade de se redimir».<sup>4</sup> O ensinamento da *Evangelium vitae* foi proposto na *editio typica* do *Catecismo da Igreja Católica*. No mesmo, a pena de morte não se apresenta como uma pena proporcional à gravidade do delito, mas justifica-se somente se fosse «a única solução possível para defender eficazmente vidas humanas de um injusto agressor», mesmo se de fato «os casos em que se torna absolutamente necessário suprimir o réu são já muito raros, se não mesmo praticamente inexistentes» (n. 2267).

4. João Paulo II interveio também em outras ocasiões contra a pena de morte, apelando seja em relação ao respeito à dignidade da pessoa quanto aos meios que a sociedade possui hoje para se defender do criminoso. Assim, na *Mensagem natalícia* de 1998, ele esperava «no mundo o consenso quanto a medidas urgentes e adequadas... para acabar com a pena de morte».<sup>5</sup> No mês seguinte, nos Estados Unidos, ele repetiu: «Um sinal de esperança é constituído pelo

rescente reconhecimento de que a dignidade da vida humana nunca deve ser negada, nem sequer a quem praticou o mal. A sociedade moderna possui os instrumentos para se proteger, sem negar de modo definitivo aos criminosos a possibilidade de se redimirem. Renovo o apelo lançado no Natal, a fim de que se decida abolir a pena de morte, que é cruel e inútil».<sup>6</sup>

5. O esforço em comprometer-se com a abolição da pena de morte continuou com os sucessivos Pontífices. Bento XVI chamou «a atenção dos responsáveis da sociedade para a necessidade de fazer todo o possível a fim de se chegar à eliminação da pena capital».<sup>6</sup> E sucessivamente desejou a um grupo de fiéis que «suas deliberações possam encorajar as iniciativas políticas e legislativas, promovidas em um número crescente de países, a eliminar a pena de morte e continuar os progressos substanciais realizados para adequar a lei penal tanto às exigências da dignidade humana dos prisioneiros quanto à efetiva manutenção da ordem pública».<sup>7</sup>

6. Nesta mesma perspectiva, o Papa Francisco reiterou que «hoje a pena de morte é inadmissível, por mais grave que o delito do condenado».<sup>8</sup> A pena de morte, quaisquer que sejam as modalidades de execução, «implica um tratamento cruel,

Venanzo Crocetti, «Caim e Abel» (1937)



## A dignidade da pessoa de nenhum modo pode ser humilhada

RINO FISICHELLA

As palavras claras e decididas com as quais o Papa Francisco condenou reiteradamente a pena de morte deviam encontrar confirmação também no *Catecismo da Igreja Católica*. No discurso pronunciado em outubro passado, por ocasião do vigésimo quinto aniversário da sua publicação, o Pontífice tinha abordado explicitamente a questão, afirmando que o tema deveria encontrar no *Catecismo* "um espaço mais adequado e coerente". Em continuidade com o magistério precedente, em particular com as afirmações de João Paulo II e Bento XVI, o Papa quis salientar a dignidade da pessoa, que de modo algum pode ser humilhada, nem ostracizada: "Deve-se afirmar energeticamente que a condenação à pena de morte é uma medida desumana que, independentemente do modo como for realizada, humilha a dignidade pessoal. Em si mesma, é contrária ao Evangelho".

Portanto, com a nova formulação do n. 2267 do *Catecismo*, a Igreja dá um passo decisivo na promoção da dignidade de cada pessoa, independentemente do crime que possa ter cometido, e condena de modo explícito a pena de morte. A formulação permite entender algumas instâncias inovadoras que abrem o caminho para um compromisso de ulterior responsabilidade pela vida

dos crentes, sobretudo nos numerosos países onde ainda persiste a pena de morte.

O texto não só remete para uma "mais viva consciência" que sobressai de modo cada vez mais convicção na população, e em especial entre as jovens gerações, chamadas a assumir uma nova cultura a favor da vida humana. Uma leitura atenta permite verificar que, nestas últimas décadas, a Igreja realizou um verdadeiro progresso na compreensão do ensinamento sobre a dignidade da pessoa e, por conseguinte, na reformulação do seu pensamento acerca da pena de morte.

Ter em conta a aumentada sensibilidade do povo cristão é certamente um facto qualificador. Realçar que hoje os Estados têm à disposição muitos sistemas de defesa para a salvaguarda da população, e que foram dispostas formas de detenção que anulam o perigo e o trauma da violência contra as pessoas inocentes, é igualmente um elemento determinante.

E no entanto isto não é suficiente. O novo texto do *Catecismo* afirma que "a Igreja ensina à luz do Evangelho que a pena de morte é inadmissível, porque atenta contra a inviolabilidade e dignidade da pessoa". Esta passagem mostra em toda a sua evidência que estamos diante de um verdadeiro progresso dogmático com o qual se explicita um conteúdo da fé que amadureceu gradualmente, até fazer compreender a insustentabilidade da pena de morte nos nossos dias.

A carta da Congregação da doutrina da fé aos bispos, que acompanha o novo texto do *Catecismo*, manifesta a preocupação de evidenciar como o novo conteúdo está em continuidade com o magistério precedente. Contudo, não se pode deixar de relevar que a forte tomada de posição do Papa Francisco permite entender o progresso que se está a realizar. Além disso, no discurso de outubro passado, precisamente o Pontífice, retomando de João XXIII as palavras de inauguração do Concílio Vaticano II, desenvolvia o seu pensamento com dois verbos: conservar e progredir.

Conservar o depósito da fé não significa mumificá-lo, mas torná-lo cada vez mais conforme com a sua própria natureza e permitir que a verdade de fé seja capaz de responder às interrogações de cada geração. A Tradição não é representável como um inseto aprisionado no âmbar, usando uma colorida expressão inglesa. Se fosse assim, te-la-famos destruído. Ao contrário, o ensinamento de fé da Igreja é uma antúcia, uma palavra que permanece viva para estimular sempre, em toda a parte e todos, a uma tomada de posição livre para o compromisso na transformação do mundo.

Portanto, voltando a inserir o tema da pena de morte no horizonte da dignidade da pessoa, o Papa Francisco dá um passo decisivo na interpretação da doutrina de sempre. E trata-se de um desenvolvimento e de um progresso na compreensão do Evangelho, que abre horizontes que ficaram na sombra. A história do dogma não vive de descontinuidade, mas de continuidade em vista do progresso, através de uma desenvolvimento harmónico que, de maneira dinâmica, faz sobressair a verdade de sempre.

A Igreja está bem consciente de que diante de crimes tão violentos e desumanos que levam a legítima autoridade a uma sentença de pena de morte existem sempre sentimentos diversificados. Defendendo a abolição da pena de morte, certamente não se esquece da dor das vítimas envolvidas, nem da injustiça perpetrada. Aliás, pede-se que a justiça dê o seu passo decisivo, não feito de rancor e vingança, mas de responsabilidade para além do momento presente.

É um olhar para o futuro, onde a conversão, o arrependimento e o desejo de começar de zero uma nova vida não podem ser tirados a ninguém, sequer a quem se manchou de crimes gravíssimos. Suprimir voluntariamente uma vida humana é contrário à revelação cristã. Apostar no perdão e no resgate é o desafio que a Igreja é chamada a fazer seu, como compromisso de nova evangelização.



CONTINUA NA PAGINA 6

## Mandato missionário

«Tornai-vos buscadores de paz, esforçai-vos pelos menos favorecidos que não têm voz no mundo, protestai quando reinam injustiça e discórdia, vivei a paz!», foi o “mandato missionário” que Francisco confiou aos setenta mil ministrantes reunidos na tarde de terça-feira, 31 de julho, na praça de São Pedro por ocasião da sua décima segunda peregrinação internacional. «Mando-vos em missão!» disse no final da celebração das vésperas que concluiu a longa tarde de festa e oração: mais de três horas e meia ritmadas por cânticos, danças, testemunhos e culminadas no encontro com o Papa. Indiferentes ao calor tórrido, os jovens que vieram a Roma de dezenove países para participar no encontro promovido pelo *Coetus internationalis ministrantium* (Cim) animaram as ruas ao redor da colunata de Bernini desde as primeiras horas da manhã, com a sua “bagagem” multicolorida de mochilas, bandeiras, lenços, distintivos. Às 16h30 enquanto a praça começava a encher-se, teve início o momento de preparação para a audiência, guiado por dois jovens, uma alemã e um húngaro. Saudações, entrevistas e preces alternaram-se aos cantos executados pelo grupo *Peace seeker* composto por músicos da Alemanha e Áustria, com um coro formado por jovens de diversos países. O Pontífice chegou por volta das 17h50, e antes de subir ao adro, deu uma volta com o jipe branco sem capota, percorrendo a praça de São Pedro e um trecho da rua «della Conciliazione». Depois de ter recebido pelas mãos de alguns ministrantes os dons distintivos da peregrinação, o Papa introduziu o momento de diálogo com os presentes (publicamos nesta página o texto integral da conversa). Quatro meninos e uma menina, provenientes de Luxemburgo, Portugal, Antígua e Barbuda, Alemanha e Sérvia, dirigiram-lhe cinco perguntas nas respectivas línguas. As respostas dadas por Francisco em italiano foram traduzidas depois em inglês. Seguiu-se a celebração das vésperas, que se concluiu com a bênção do Pontífice. Sucessivamente, foi apresentada a aplicação «goRome!», realizada por ocasião da peregrinação. Através dela, clicando no ecrã do telemóvel, o Papa enviou aos participantes uma breve mensagem para realçar algumas palavras pronunciadas durante o encontro. Depois de ter saudado cerca de trinta bispos que estavam presentes, alguns sacerdotes e os representantes dos jovens, o Pontífice deixou a praça por volta das 20h00.



## O caminho da santidade não é para os preguiçosos

Queridos ministrantes, boa tarde!

Sinto alegria por vos ver tão numerosos aqui na Praça de São Pedro, enfeitada com as cores das vossas bandeiras. Alegrei-me também antes por vos ver ao meio-dia, com este calor: sois corajosos! Parabéns! Entregastes-me os distintivos da vossa peregrinação: obrigado de coração! Sou peregrino juntamente convosco que vindes de muitos países. Estamos unidos na fé em Jesus Cristo, estamos a caminho com Ele que é a nossa paz. Agradeço ao vosso Presidente, Monsenhor Nemet, a saudação que me dirigiu em vosso nome. Ele pediu-me que vos encorajasse, disse: “*Ermutigten Sie sie, Heiliger Vater!*”. Devo encorajá-los. Por isso cedo o lugar a vós, formulai as perguntas.

*Como ministrantes e também como crentes desejamos a paz um ao outro ao trocarmos o abraço durante a santa missa. De que modo podemos contribuir para fazer com que esta paz saia de dentro das nossas igrejas, para nos tornar construtores de paz nas nossas comunidades, nas nossas cidades, famílias e no mundo?*

Obrigado! Disseste muito bem: a paz e a Santa Missa caminham juntas. Antes do sinal da paz pedimos ao Senhor que conceda paz e unidade à comunidade da Igreja. A paz é o seu dom que nos transforma a fim de que nós, como membros do seu corpo, possamos experimentar os mesmos sentimentos de Jesus, pensar como Ele – os mesmos sentimentos de Jesus e pensar como Jesus pensa! – amar como Ele ama. Isto proporciona paz. E no final da Missa somos enviados com a palavra: «Ide em paz», isto é: levei a paz convosco para a oferecer aos outros, dando-a com a vossa vida, com o sorriso, com as obras de caridade. O compromisso concreto a favor da paz é a prova do facto de que somos verdadeiros discípulos de Jesus. A busca da paz começa pelas pequenas coisas. Por exemplo, em casa, depois de uma discussão entre irmãos – pergunto – fecho-me em mim mesmo sentin-

do-me ofendido ou tento dar um passo em direcção do outro? Sei fazer a paz com pequenos gestos? Estou pronto a questionar-me em cada situação: “O que faria Jesus no meu lugar?”. Se fizermos isto, e procurarmos pô-lo em prática com decisão, levaremos a paz de Cristo da vida quotidiana e seremos construtores e instrumentos de paz. Obrigado.

*Somos ministrantes, servimos o Senhor junto do altar e contemplamo-lo na Eucaristia. Como podemos viver a contemplação espiritual seguindo o exemplo de Maria e o serviço prático a exemplo de Marta de modo concreto, procurando reconhecer o que Jesus quer de nós na nossa vida?*

Com efeito, como ministrantes fazeis um pouco da experiência de Marta e Maria. Seria bom se, além dos vossos turnos de serviço litúrgico, pudésseis por um lado comprometer-vos na vida paroquial e por outro permanecer em silêncio na presença do Senhor: ambas as coisas. Desta forma, neste entrelaçamento de ação e de contemplação, reconhece-se também o desígnio de Deus sobre nós; veem-se quais são os talentos e os interesses que Deus coloca no nosso coração e a maneira de os desenvolver; mas sobretudo nos põe humildemente diante de Deus, assim como somos: sem nos pintarmos, sem nos disfarçarmos, assim como somos, diante de Deus, com méritos e limites, perguntando-lhe como melhor poder servir a Ele e ao nosso próximo. E não tenhais medo de pedir um bom conselho quando vos questionardes sobre a maneira de poder servir a Deus e às pessoas que precisam de ajuda no mundo. Recordai-vos que quanto mais vos dedicardes aos outros tanto mais receberéis vós mesmos em plenitude e sereis felizes! Obrigado.

*Sendo ministrantes entristecemos-nos ao ver poucos coetâneos que participam na missa e na vida paroquial. A Igreja nalguns países está a perder rapidamente muitos jovens, por diferentes motivos. Como podemos nós e*

*as nossas comunidades chegar àquelas pessoas fazendo com que voltem para Cristo e a família da Igreja?*

Hoje vós, como jovens, podeis ser apóstolos que sabem atrair os outros a Jesus. Isto acontece se vós mesmos estiverdes cheios de entusiasmo por Ele, por Jesus, se O encontrastes, conhecestes pessoalmente, e se tiverdes sido, vós em primeiro lugar, “conquistados” por Ele. Por isso digo-vos: procurai conhecer e amar sempre mais o Senhor Jesus – encontrando-vos com Ele na oração, na Missa, na leitura do Evangelho, no rosto dos pequeninos e dos pobres. E procurai ser amigos, com gratuidade, de quantos estão ao vosso redor, para que um raio da luz de Jesus possa alcançá-los através do vosso coração apaixonado por Ele. Queridos jovens, não são necessárias muitas palavras, são mais importantes os factos, a proximidade, o serviço, o olhar silencioso diante do Santíssimo Sacramento. A juventude – assim como todos, de resto – precisa de amigos que deem um bom exemplo, que façam algo sem nada pretender, sem nada esperar em troca. E deste modo fazes sentir também como é bonita a comunidade dos crentes porque o Senhor habita no meio deles, como é bom fazer parte da família da Igreja. Obrigado.

*Tantas pessoas afirmam que não precisam de Deus, da religião e da Igreja nas suas vidas. Por que deveriam aderir precisamente à fé católica? O que é o mais importante? E por que a fé é tão importante para Vossa Santidade?*

A fé é essencial, ela faz-me viver. Diria que a fé é como o ar que respiramos. Ao respirarmos não pensamos em quanto o ar é necessário, mas quando ele falta ou não é puro damos-nos conta de quanto é importante! A fé ajuda-nos a compreender o sentido da vida: há alguém que nos ama infinitamente, e este

Homília durante a celebração das vésperas

## A agulha da bússola

«Fazei tudo para a glória de Deus»: assim São Paulo nos exorta na carta que acabamos de escutar. Servir a glória de Deus em tudo o que fazemos é o critério decisivo para o nosso agir, a síntese máxima do que significa viver a amizade com Jesus. É a indicação que nos orienta quando não temos a certeza sobre o que fazer; que nos ajuda a reconhecer a voz de Deus dentro de nós, que nos fala na consciência para que possamos discernir a sua vontade. A glória de Deus é a agulha da bússola da nossa consciência.

São Paulo fala-nos também de outro critério: esforçar-se por agradar em tudo a todos a fim de que sejam salvos. Somos todos filhos de Deus, temos todos os mesmos desejos, sonhos e ideais. Por vezes, alguns ficam desiludidos, e somos nós que podemos reacender a luz, transmitir um pouco de bom humor. Deste modo, é mais fácil dar-se bem e testemunhar na vida do dia a dia o amor de Deus e a alegria da fé. Depende da nossa coerência que os nossos irmãos reconheçam Jesus Cristo, o único salvador e a esperança do mundo.

Talvez vos perguntem: «Com posso fazer isso? Não é uma tarefa demasiado difícil?». É verdade, é uma missão grande, mas possível. Além disso, São Paulo encoraja-nos: «Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo». Sim, podemos viver esta missão imitando Jesus como fizeram o apóstolo Paulo e todos os santos. Olhemos para os santos, que são o Evangelho vivido, pois souberam traduzir a mensagem de Cristo na própria vida. O santo de hoje, Inácio de Loyola, quando era um jovem soldado pensava na própria glória, depois, no momento oportuno foi atraído pela glória de Deus, e descobriu que ali se encontrava o centro e o sentido da vida. Sejamos imitadores dos santos; façamos tudo para a glória de Deus e para a salvação dos irmãos. Mas, estai atentos e lembrai-vos: neste caminho para seguir os santos, nesta estrada da santidade, não há lugar para jovens preguiçosos. Obrigado!



Encontro dos jovens italianos

## Passagem de testemunho

Passagem de testemunho ideal entre os jovens ministrantes do mundo inteiro e os jovens italianos irmanados pela fé em Cristo: na sexta-

feira, 3 de agosto, enquanto deixavam Roma os últimos das dezenas de milhares de ministrantes – que na semana precedente tinham participado no seu décimo segundo encontro internacional culminado com a audiência concedida pelo Papa Francisco a 31 de julho – pôs-se novamente em movimento das dioceses da Itália outro coloridíssimo exército pacífico para o duplo encon-

tro com o Pontífice, programado nos dias 11 e 12 de agosto.

Promovido pela Conferência episcopal italiana (Cei), o encontro nacional em vista do Sínodo sobre os jovens e da Jornada mundial da juventude no Panamá foi concebido como um caminho partilhado que, partindo da redescoberta das trilhas de peregrinação das terras de origem, confluirão – passando “por mil estradas” – em Roma, primeiro no Circo Massimo (na tarde de sábado 11) e depois na praça de São Pedro (na manhã de domingo 12) onde se prevê a presença de pelo menos cinquenta mil jovens, acompanhados por uma centena de bispos.

## Em diálogo com os coroinhas

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

alguém é Deus. Ele ama-nos infinitamente. Podemos reconhecer Deus como o nosso criador e salvador; amar a Deus e aceitar a nossa vida como seu dom. Deus deseja entrar numa relação vital conosco; quer criar relações, e nós somos chamados a fazer o mesmo. Não podemos crer em Deus e pensar que somos filhos únicos! Deus tem um só Filho Único que é Jesus. Único porque é Deus. Mas entre os homens, não há filhos únicos de Deus. Pensai nisto! Todos somos filhos de Deus. Somos chamados a formar a família de Deus, isto é a Igreja, a comunidade de irmãos e irmãs em Cristo – somos «membros da família de Deus» como diz São Paulo (Ef 2, 19). E nesta família da Igreja o Senhor nutre os

seus filhos com a sua Palavra e os seus Sacramentos. Obrigado.

*O nosso serviço como ministrantes é bom, gostamos muito dele. Queremos servir ao Senhor e ao próximo. Mas praticar o bem nem sempre é fácil, ainda não somos santos. Como podemos traduzir o nosso serviço, na vida diária, em obras concretas de caridade e num caminho rumo à santidade?*

Sim, é preciso esforço para praticar sempre o bem e tornar-se santo... Sabes, a via para a santidade não é para os preguiçosos: é preciso esforço. Vejo que vós ministrantes vos esforçais neste caminho. O Senhor Jesus deu-nos um programa simples a fim de caminhar na via para a santidade: o mandamento do amor a Deus e ao próximo. Procuremos permanecer bem enraizados na ami-

zade com Deus, gratos pelo seu amor e desejosos de O servir em tudo e assim só podemos partilhar o dom do seu amor com os outros. Para concretizar o mandamento do amor, Jesus indicou-nos as obras de misericórdia. Gostaria de perguntar aqui se todos vós conheceis as obras de misericórdia. Estou certo de que os vossos bispos vo-lo ensinaram. Mas vós, conheceis-las bem, quais são as obras de misericórdia? Se não as conheceis, como podeis praticá-las? É importante: as obras de misericórdia. São uma via exigente mas ao alcance de todos. Papa praticar uma obra de misericórdia não é preciso ir à universidade, formar-se. Todos, todos podemos fazer as obras de misericórdia. Estão ao alcance de todos. É suficiente que cada um de

nós comece a questionar-se: “O que posso fazer hoje para ir ao encontro das necessidades do meu próximo?”, deste próximo: dos meus irmãos, do meu pai, da minha mãe, dos avós, dos meus amigos, dos pobres, dos doentes...; mas um, um por dia. O que posso fazer para ir ao encontro das necessidades do meu próximo? E não importa se é amigo ou desconhecido, concidadão ou estrangeiro, é o próximo. Acreditei em mim, se fizerdes assim podereis tornar-vos verdadeiros santos, homens e mulheres que transformam o mundo vivendo o amor de Cristo. É verdade, não é fácil, é preciso esforço. Mas, recordai-vos, digo-o mais uma vez: a via para a santidade não é para os preguiçosos.

Obrigado por este colóquio!



MATEUS 13, 24-30

Jesus afirma que o reino dos céus é semelhante a um homem que lança boas sementes no seu campo, e que durante a madrugada um seu inimigo semeia uma erva daninha, má, o joio. Os servos quiseram arrancá-la mas o dono pôs freio ao seu zelo temendo que, ao colher o joio, desenraizassem também o trigo. «Deixai-os crescer juntos até à colheita. No tempo da colheita, direi aos ceifadores: arrancai primeiro o joio e atai-o em feixes para o queimar. Recolhei depois o trigo no meu celeiro» (Mt 13, 30).

Mateus relata a experiência da sua igreja. Jesus semeou a sua palavra, os apóstolos continuaram esta sementeira com a sua pregação, e no entanto dentro da comunidade de Jesus, da comunidade de Mateus, da igreja, há o joio, há o mal. Porquê? De onde vem?

Nas nossas comunidades cristãs, que deveriam ser sinal profético para o mundo, sal da terra, luz para pôr no candelabro, profecia do amor, da paz do Reino, quanta injustiça, prepotência, superabundância de maledicência, de olhar malvado, de condenação do outro! E dentro de nós, no campo do nosso coração, não acontece o mesmo? Porquê? Na parábola do joio não se encontra resposta a esta pergunta. Diante do mistério do mal em todas as suas formas, desta força que conhecemos bem e experimentamos dentro e fora de nós, os nossos porquês perdem-se no silêncio e outra pergunta sobrevém: Tu, como reages face ao mal? Diante do joio, da maldade, do sofrimento, como vives aquela «esperança dócil» (Sb 12, 19) que o Pai pôs no coração dos seus filhos?

Apesar de todas as nossas ilusões infantis, a realidade na qual vivemos está ferida, incom-



Federico Rossano  
«Campo de trigo»  
(aprox. 1868)

## A parábola da paciência

pleta, decepcionante. Aliás, no nosso coração quanto mais desejamos o bom trigo mais vemos o joio infestante que às vezes parece sufocar todas as plantinhas tenras e declarar a inutilidade de qualquer esforço para cultivar o campo. O ensinamento de Jesus não se concentra na razão pela qual brotou o joio, mas sobre o modo como nos comportamos diante dele. «Deixai-o»: é uma ordem que nos desconcerta, que contrasta com o que consideramos a melhor parte de nós, o nosso desejo de justiça, verdade, santidade, radicalidade, isto é, o zelo que muitas vezes acreditamos ser bom mas que na realidade não se manifesta diferentemente daquele dos dois apóstolos, Tiago e João, os «filhos do trovão» (Mc 3, 17), que ao virem Jesus ser rejeitado pelos habitantes de uma aldeia samaritana, perguntaram-lhe: «Senhor, queres que mandemos que desça fogo do céu e os consuma?» (Lc 9, 54). Não compreenderam muito sobre o ensinamento do seu mestre! Contudo, quantas vezes ao longo da história nos sentimos autorizados a acender fogueiras para queimar quem, na nossa opinião, não aceitava Jesus! Há uma vontade, que não é a de Deus, de desenraizar o mal desenraizando o

pecador. A igreja não é uma seita de puros, as nossas comunidades não são o reino dos céus.

Jesus narra a “parábola da paciência”, paciência, antes de tudo, de Deus: Deus tem paciência, não tem pressa de julgar, de separar o trigo bom do joio, espera e é paciente; da paciência que cada um de nós deve ter consigo mesmo ao verificar que no campo do próprio coração trigo e joio crescem juntos; da paciência de uns com os outros no seio da comunidade, da igreja, renunciando a separar, discriminar, condenar, tendo paciência recíproca, suportando e carregando os pesos uns dos outros, tolerando do outro até o joio.

É verdade que Mateus, um pouco mais adiante no capítulo 18, falará sobre a necessidade de reprender, até publicamente, com força, quem não vive de acordo com o Evangelho, mas este serviço fraterno deve ser desempenhado na caridade, recordando sempre a trave que está no nosso olho: «Tira primeiro a trave do teu olho e assim verás para tirar a palha do olho do teu irmão» (Mt 7, 5).

(Pelas irmãs de Bose)

## Carta da Congregação para a doutrina da fé

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6

de hoje possui sistemas de detenção mais eficazes, a pena de morte é desnecessária como proteção da vida de pessoas inocentes. Certamente, permanece o dever do poder público de defender a vida dos cidadãos, como sempre foi ensinado pelo Magistério e confirmado pelo *Catecismo da Igreja Católica* nos números 2265 e 2266.

8. Tudo isso mostra que a nova formulação do n. 2267 do *Catecismo* expressa um autêntico desenvolvimento da doutrina, que não está em contradição com os ensinamentos anteriores do Magistério. De fato, tais ensinamentos podem ser explicados à luz da responsabilidade primária do poder público em tutelar o bem comum, num contexto social em que as sanções penais eram compreendidas diversamente e se davam num ambiente em que era mais difícil garantir que o criminoso não pudesse repetir o seu crime.

9. Na nova redação, se acrescenta que a conscientização sobre a inadmissibilidade da pena de morte cresceu «à luz do Evangelho». De fato, o Evangelho ajuda a compreender melhor a ordem da criação que o Filho de Deus assumiu, purificou e levou à plenitude. O Evangelho tam-

bém nos convida à misericórdia e à paciência do Senhor, que oferece a todos, tempo para se converterem.

10. A nova formulação do n. 2267 do *Catecismo da Igreja Católica* quer impulsionar um firme compromisso, também através de um diálogo respeitoso com as autoridades políticas, a fim que seja fomentada uma mentalidade que reconheça a dignidade de toda vida humana e sejam criadas as condições que permitam eliminar hoje o instituto jurídico da pena de morte, onde ainda está em vigor.

*O Sumo Pontífice Francisco, na Audiência concedida ao subscrito Secretário no dia 28 de junho de 2018, aprovou a presente Carta, decidida na Sessão Ordinária desta Congregação no dia 13 de junho de 2018, e ordenou a sua publicação.*

Dado em Roma na Sede da Congregação para a Doutrina da Fé no dia 1º de agosto de 2018  
Memória de Santo Afonso Maria de Ligório.

LUIS F. CARD. LADARIA, S.I.  
Prefeito

D. GIACOMO MORANDI  
Arcebispo Titular de Caere  
Secretário

<sup>1</sup> Cf. Francisco, Discurso aos participantes no encontro promovido pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização (11 de outubro de 2017): *L'Osservatore Romano* (13 de outubro de 2017), 4.

<sup>2</sup> João Paulo II, Carta enc. *Evangelium vitae* (25 de março de 1995), n. 9: AAS 87 (1995), 411.

<sup>3</sup> *Ibid.*, n. 27: AAS 87 (1995), 432.

<sup>4</sup> João Paulo II, Mensagem Urbi et Orbi por ocasião do Santo Natal (25 de dezembro de 1998), n. 5: *Insegnamenti* XXI, 2 (1998), 1348.

<sup>5</sup> *Id.*, Homília no Trans World Dome de Saint Louis (27 de janeiro de 1999): *Insegnamenti* XXII, 1 (1999), 269; cf. Homília da Missa na Basílica de Nuestra Señora de Guadalupe na Cidade do México (23 de janeiro de 1999): «Deve haver um fim para o recurso desnecessário à pena de morte»: *Insegnamenti* XXII, 1 (1999), 123.

<sup>6</sup> Bento XVI, Exort. Apost. pós-sinodal *Africae munus* (19 de novembro de 2011), n. 83: AAS 104 (2012), 276.

<sup>7</sup> *Id.*, Audiência geral (30 de novembro de 2011): *Insegnamenti* VII, 2 (2011), 813.

<sup>8</sup> Francisco, Carta ao Presidente da Comissão internacional contra a pena de morte (20 de março de 2015):

*L'Osservatore Romano* (20-21 de março de 2015), 7.

<sup>9</sup> *Ibid.*

<sup>10</sup> *Ibid.*

<sup>11</sup> Francisco, Discurso aos participantes no encontro promovido pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização (11 de outubro de 2017): *L'Osservatore Romano* (13 de outubro de 2017), 5.

<sup>12</sup> Cf. Vicente de Lérins, *Commonitorium*, cap. 23: PL 50, 667-669. Em referência à pena de morte, tratando sobre as especificações dos mandamentos do Decálogo, a Pontifícia Comissão Bíblica falou em “refinar” as posições morais da Igreja: «No curso da história e com o desenvolvimento das civilizações, a Igreja também refinou as próprias posições morais referentes à pena de morte e à guerra, em nome de uma reverência pela vida humana que ela acentua sem cessar meditando a Escritura, reverência que toma sempre mais a cor de um absoluto. O que subentende essas posições aparentemente radicais é sempre a mesma noção antropológica de base: a dignidade fundamental do ser humano criado à imagem de Deus» (*Bíblia e moral. Raízes bíblicas do agir cristão*, 2008, n. 98).

<sup>13</sup> Conc. Ecum. Vat. II, Const. Past. *Gaudium et spes*, n. 4.

## INFORMAÇÕES

### Renúncias

*O Santo Padre aceitou a renúncia:*

No dia 7 de agosto

De D. Sebastián Ramis Torrens, T.O.R., ao governo pastoral da Prelazia Territorial de Huamachuco (Peru).

### Prelados falecidos

*Adormeceram no Senhor:*

A 31 de julho

D. Bassano Staffieri, Bispo Emérito de La Spezia – Sarzana – Brugnato (Itália).



*O ilustre Prelado nasceu a 6 de setembro de 1931, em Casalpusterlengo (Itália). Foi ordenado Sacerdote no dia 9 de junho de 1955. Recebeu a Ordenação episcopal em 9 de setembro de 1989.*

A 3 de agosto

D. Raffaele Castielli, Bispo Emérito de Lucera-Troia (Itália).

*O venerando Prelado nasceu em Faeto (Itália), a 5 de março de 1927. Recebeu a Ordenação sacerdotal*

*no dia 9 de julho de 1950. Foi ordenado Bispo em 25 de março de 1987.*

A 5 de agosto

D. Ulises Aurelio Casiano Vargas, Bispo Emérito de Mayagüez (Porto Rico).

*O saudoso Prelado nasceu no dia 25 de setembro de 1933, em Lajas (Porto Rico). Foi ordenado Sacerdote a 30 de maio de 1967. Recebeu a Ordenação episcopal em 30 de abril de 1976.*

### A solidariedade do Pontífice

## Sismo devastador na Indonésia

A terra tremeu novamente na ilha indonésia de Lombok, depois do terramoto de há uma semana, e de forma ainda mais violenta. Um novo sismo causou mais de noventa mortos e centenas de feridos, com um balanço que continua a aumentar.

Num telegrama assinado pelo secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, o Papa Francisco «tendo tomado conhecimento com grande tristeza da trágica perda de vidas humanas e da destruição de propriedades causada pelo terramoto na Indonésia», exprimiu «a sua sincera solidariedade a quantos foram atingidos por esta tragédia». Em particular, ele «reza pelo repouso dos falecidos, pelo restabelecimento dos feridos e pela consolação de todos os que choram a perda dos seus entes queridos». Encorajando as autoridades civis e as pessoas empenhadas na busca e na salvação das vítimas da catástrofe, o Pontífice «invoca de bom grado, sobre todo o povo da Indonésia, as bênçãos divinas de consolação e força».

### Ratificada pela Santa Sé

## Convenção sobre o ensino superior na Ásia e no Pacífico

A Santa Sé ratificou a convenção regional sobre o reconhecimento das qualificações do ensino superior na Ásia e no Pacífico, que foi adotada a 26 de novembro de 2011 em Tóquio, por uma conferência internacional de Estados convocada pela Unesco.

A Santa Sé participou com uma delegação guiada por D. Joseph Chennoth, núncio apostólico no Japão, o qual assinou a citada convenção em nome da Santa Sé no mesmo dia. O Rev.<sup>mo</sup> Mons. Francesco Follo, observador permanente da Santa Sé junto da Unesco, a 16

de julho de 2018 depositou o instrumento de ratificação no Escritório da vice-diretora-geral da Unesco para a educação, senhora Stefania Giannini.

A convenção entrará em vigor para a Santa Sé, em conformidade com o artigo X.2 da mesma, a 1 de setembro de 2018.

Na prática a convenção constitui uma revisão da convenção regional sobre o reconhecimento de estudos, diplomas e graus de ensino superior na Ásia e no Pacífico, ao qual a Santa Sé tinha aderido a 10 de julho de 1995.

### Intenção de oração para o mês de agosto

## Políticas familiares adequadas

«As grandes escolhas económicas e políticas protejam as famílias como um tesouro da humanidade». É um verdadeiro apelo a uma «adequada política familiar» a intenção de oração do Papa Francisco contida na mensagem vídeo para o mês de agosto, confiada à rede mundial de oração ([www.thepopevideo.org](http://www.thepopevideo.org)).

«Falando das famílias – confidenciou o Pontífice – muitas vezes vem à mente a imagem de um tesouro». Mas – reconhece – o «ritmo da vida atual, a tensão, a pressão do trabalho e até a pouca atenção por parte das instituições podem pô-las em perigo». Portanto, afirmou o Papa no vídeo, «não é suficiente falar sobre a sua importância: é preciso promover medidas concretas e desenvolver o seu papel na sociedade com uma adequada política familiar». Para reforçar a mensagem de Francisco o vídeo

propõe uma rápida mas decisiva sucessão de imagens que mostram o dia a dia e as problemáticas de cada família. Eis, então, que se veem pais e avós acompanhando delicadamente a brincadeira de uma menina no balanço. E, ainda, os bancos de escola e avós acompanhando delicadamente a brincadeira de uma menina no balanço. E, ainda, os bancos de escola e avós acompanhando delicadamente a brincadeira de uma menina no balanço. E, ainda, os bancos de escola e avós acompanhando delicadamente a brincadeira de uma menina no balanço. E, ainda, os bancos de escola e avós acompanhando delicadamente a brincadeira de uma menina no balanço.

O vídeo foi traduzido em nove línguas e preparado para a Rede mundial de oração do Papa pela agência La Machi, que se ocupa da produção e da distribuição, em colaboração com Vatican Media que supervisionou a sua gravação.



Kelly Turner, «Unidade da família»



De Puerto Maldonado um apelo em defesa dos grupos que vivem em isolamento voluntário

## A sobrevivência dos povos indígenas da Amazônia

Isolados na floresta, sim, mas também voluntariamente ignorados, para poder explorar melhor os seus recursos. Foi o alarme lançado pela Rede eclesial pan-amazônica (Repam) a propósito das mais de 150 populações indígenas que vivem isoladas da chamada civilização e que correm o risco de extinção. «A existência desses grupos é frequentemente negada ou tornada invisível, fato que em muitos casos facilita a autorização de atividades econômicas que afetam diretamente seus territórios», enquanto «apesar da contundência do quadro normativo internacional que protege seus direitos, verificamos que tais normas são sistematicamente ignoradas pelos Estados», afirma-se na «Declaração em defesa da vida dos povos indígenas em isolamento voluntário (Piiv)», a qual foi lida no encontro que teve lugar de 5 a 8 de julho em Puerto Maldonado, no Peru.

Definem-se “em isolamento voluntário” ou “não contactados” os grupos de indígenas que, após a invasão de seu território, salvaram-se do extermínio, conseguiram evitar sua dispersão e optaram por não se integrarem no estilo de vida ocidental, preferindo não manter contato com a civilização “branca” e preservar sua autonomia. O leigo missionário da Consolata, Luís Ventura, do Centro indígena missionário (Cimi) do Brasil, encarregado de coordenar o setor de trabalho dos povos indígenas da Repam, explicou que os Piiv «estão sujeitos a ameaças muito graves, tais como o avanço da degradação florestal, da mineração industrial e informal e da agricultura extensiva mecanizada, que aumentam cada vez mais a pressão». «Os povos em isolamento voluntário tomaram essa decisão a partir de situações traumáticas, muitas vezes trágicas, e os contatos que ocorrem muitas vezes acabam em tragédia. Por isso, devemos ter um profundo respeito, do ponto de vista da ética, por sua decisão e garantir a proteção de seu território, que lhes permita definitivamente a preservação da sua própria vida». Também em Puerto Maldonado, como no primeiro encontro realizado em Cuiabá, no Brasil, em abril passado, estiveram presentes representantes de comunidades indígenas que têm contato com as comunidades em isolamento voluntário, que sabem onde estão e onde circulam, e representantes de povos contactados recentemente – há 20 ou 30 anos –

«importantíssimos – acrescentou Ventura – para nos permitir compreender melhor a situação através do compartilhamento de sua experiência». Estavam representados o Brasil, o Peru e o Equador, enquanto a Bolívia forneceu os últimos dados disponíveis. Só nesses quatro países, sem incluir a Colômbia, a Venezuela e talvez a Guiana, «calculam-se cerca de 150 povos ou parte de povos em isolamento voluntário. Uma realidade substancial, que deve ser respeitada».

O documento do encontro denuncia que «continuam a ocorrer contatos forçados» e também avança a invasão do território (dos Piiv) «num cenário de omissão por parte dos Estados, situações que expõem os povos indígenas a várias formas de violência e até mesmo massacres». Ventura explicou à Agência Fides o trabalho da Repam e dos seus parceiros, o Cimi, a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia brasileira, o Centro Amazônico de Antropologia e Aplicação Prática, a Universidade Federal do Amazonas e os Vicariatos de Aguarico (Equador) e de Madre de Dios (Peru): «Obtemos informações sobre os locais onde vivem os Piiv através de indígenas geralmente próximos de seus territórios que nos relatam avistamentos, encontros casuais, detectam os seus rastros na floresta, ou mesmo coletam histórias sobre sua presença no passado, que tornam possível sua persistência na área. Recebemos informações de trabalhadores e funcionários de empresas florestais que, avançando na floresta, se encontram ou acabam tendo embates com eles. Então tentamos determinar com a maior precisão possível as informações recebidas e confrontá-las com aquelas do organismo indigenista do Estado». Os dados são mantidos em sigilo «para que não caiam nas mãos de grupos ou pessoas interessadas por razões opostas às nossas», especificou o missionário. «Assim que detectamos sinais de sua presença, ou quando chegamos a lugares onde os moradores nos advertem dessa possibilidade, nós nos retiramos. A nossa intenção é proteger e fazer respeitar pelos outros sua decisão de isolamento voluntário». «Os Piiv são cidadãos de direito» enfatizou Ventura «com direitos territoriais, o primeiro dos quais é a existência». Depois do encontro do início de julho, três níveis de trabalho foram estabelecidos. O primeiro é aquele pan-amazônico: «A articulação entre todos os envolvidos na defesa dos Piiv em cada país, para ter uma visão comum,

socializando os conhecimentos legais, as metodologias de trabalho e as estratégias utilizadas localmente para os contatos com os Estados para incidir sobre as políticas e a opinião pública». No plano nacional, que se destina a elaborar uma causa comum em cada país e proteger os Piiv nas zonas fronteiriças, onde os indígenas se deslocam «sem prestar atenção às fronteiras nacionais», que é um seu direito reconhecido pelas leis internacionais. O terceiro plano é o eclesial: «Trazer para a Igreja e para a sociedade essa problemática, também no contexto do processo do Sínodo para a Amazônia. Acolher e defender os direitos dos Piiv é fundamental para o desenvolvimento que queremos na região. O Papa ressaltou isso justamente em Puerto Maldonado, em janeiro passado: «Esta preocupação deriva a opção primordial pela vida dos mais indefesos. Penso nos (...) povos indígenas em isolamento voluntário. Sabemos que são os mais vulneráveis dos vulneráveis (...). Continuai a defender estes irmãos mais vulneráveis. A sua presença recorda-nos que não podemos dispor dos bens comuns ao ritmo da avidez e do consumo».



(Foto da autoria de Célia Santos)